

Presidente não dá ouvidos a gurus

Acácio Pinheiro

Nem reunião do "pão de queijo", nem reunião das nove. Indiferente às críticas e tropeçando em estratégias políticas até agora desastradas, o presidente Fernando Henrique Cardoso resiste à idéia de montar um conselho político. Ao contrário de seus antecessores, que ouviam os auxiliares em reuniões diárias para definir estratégias políticas, a rotina do Presidente no Planalto prevê apenas o que é chamado de "despacho interno" — numa reunião com o chefe da Casa Civil, Clóvis Carvalho, e o secretário-geral da Presidência, Eduardo Jorge. A idéia de gurus que aconselhem politicamente o Presidente é rejeitada no Planalto.

"Como democrata, ele ouve todo mundo, mas só faz o que quer. Não tem um guru que influa nas decisões. Quem é guru dos outros não admite ter gurus. Ele tem o dom de deixar parecer que está fazendo o que a pessoa quer", disse uma de suas conselheiras informais, a subsecretária de Imprensa e Divulgação, Ana Tavares.

Confidentes — Nos momentos de crise, Fernando Henrique recorre a alguns companheiros mais抗igos, como os ministros José Serra, do Planejamento; e Sérgio Motta, das Comunicações; além do governador do Ceará, Tasso Jereissati. Em despachos em separado ou em telefonemas de madrugada, é com esses três que desabafa.

No campo político, as consultas não ficam restritas aos tucanos. O presidente da Câmara, Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), faz parte do seletivo grupo de confidentes desde a campanha. Nos últimos tempos, o pai de Luís Eduardo, o



Cardoso não aceita ser julgado por seus primeiros 100 dias

senador Antônio Carlos Magalhães, também entrou para o time dos conselheiros.

Do grupo de intelectuais, Fernando Henrique conversa com os sociólogos Luciano Martins e José Arthur Gianotti. Apontado como "cobra criada" no campo da articulação política, o vice-presidente Marco Maciel (PFL-PE) é freqüentemente consultado, mas não participa do dia-a-dia do Presidente, por discrição e receio de melindrá-lo. Em alguns casos, toma a iniciativa de propor caminhos, nunca sem o aval de Fernando Henrique.

"O Presidente é do diálogo e não gosta de delegar interlocução. Daí seus contatos com os parlamentares. Ele considera que o governo não tem de ser julgado por atos iso-

lados. Não lhe agrada ver o governo julgado pelos seus primeiros 100 dias. Ele acha que o governo não deve agir sob pressão, sob impacto", disse Maciel.

O secretário-geral Eduardo Jorge diz que Fernando Henrique é uma pessoa que pauta suas decisões pelas linhas institucionais previstas pelo cargo. "Esse governo não tem chá das cinco, pão de queijo, nada disso. Não que eu esteja criticando práticas passadas, mas essa coisa de amigo bater na porta, entrar e dar palpites não tem. Dependendo do assunto, o Presidente convoca o ministro da área e as pessoas envolvidas para discutir o assunto e toma sua decisão. Não tem fofoca. Essa coisa de reunir grupo não tem", disse Eduardo Jorge.